

AÇÕES DO FILÓLOGO EDITOR: TEORIA E PRÁTICA

Rosa Borges dos Santos (UFBA)

borgesrosa66@gmail.com

RESUMO

Pretende-se, neste trabalho, problematizar os diferentes papéis do filólogo, sujeito-autor e editor, em suas variadas construções subjetivas, e os diferentes estilos de práticas da filologia e sua interação com outros lugares disciplinares, para pensar as edições e as leituras crítico-filológicas desenvolvidas na contemporaneidade por integrantes do Grupo de Edição e Estudo de Textos da Universidade Federal da Bahia (GEET-UFBA). A partir da experiência de trabalho com textos teatrais censurados e com textos literários, serão postos em destaque os modelos editoriais empreendidos pelo nosso grupo de pesquisa, então, observar as ações do filólogo em sua práxis editorial, em perspectiva teleológica e/ou pragmática.

Palavras-chave: Filólogo. Editor. Filologia. Edição. Texto.

1. Palavras iniciais

Pretendo, neste trabalho, discutir diferentes papéis do editor, com variadas construções subjetivas resultantes das escolhas que realiza na atividade editorial, e, conseqüentemente, os estilos de práticas da filologia e sua interação com outros lugares disciplinares, para pensar as edições e as leituras crítico-filológicas desenvolvidas na contemporaneidade. A partir da experiência de trabalho com os textos teatrais censurados, serão postos em destaque modelos editoriais empreendidos pelo nosso grupo de pesquisa para então observar as ações do editor em sua práxis filológica.

2. Papéis do filólogo na prática editorial

Para tratar dos diferentes papéis do filólogo na prática editorial, trago Maximiano de Carvalho e Silva e Hans Ulrich Gumbrecht, ambos abordam os afazeres filológicos. São tarefas da crítica textual, segundo Carvalho e Silva (1994, p. 57-58):

– A definição do conceito, do objeto, do método e das finalidades da ciência e das diferentes épocas da sua evolução.

– O estudo e classificação dos textos e das edições, e, nos casos de dúvida, a averiguação da sua autenticidade e a fundamentada identificação de textos apócrifos e de edições fraudulentas (contrafações).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

– O exame da tradição textual e da fidelidade das transcrições, cópias e edições.

– A pesquisa da gênese dos textos, sem deixar de lado qualquer elemento (inclusive fragmentos textuais) que possa contribuir para as conclusões sobre o labor autoral.

– A fixação dos princípios gerais que devem orientar o trabalho da reprodução e da elaboração de todos os tipos de edições de textos.

– A aplicação de tais princípios e de normas gerais a diferentes tipos de textos, tendo em vista os contextos histórico-culturais em que estão integrados.

– O estabelecimento de normas gerais e de normas específicas para a conversão dos textos orais em textos escritos.

– A indicação dos pressupostos filológicos para a boa realização da tradução dos textos.

– A organização dos planos de publicação das obras avulsas ou das obras completas de determinado autor, apoiada em rigoroso levantamento de dados histórico-culturais e biobibliográficos; e a formulação de normas editoriais para cada caso em exame.

– A preparação de edições fidedignas ou de edições críticas, enriquecidas, sempre que recomendável, de estudos prévios, notas explicativas ou exegéticas destinadas a valorizar o labor autoral.

Todas as atividades filológicas, aqui mencionadas, dão conta de textos em suas diferentes modalidades e épocas, do trabalho de edição e de estudos críticos em variadas perspectivas, histórico-cultural, genética, entre outras. Para Hans Ulrich Gumbrecht (2007), as práticas básicas da filologia são: *identificar fragmentos, editar textos, escrever comentários históricos, fazer história e ensinar*. De acordo com tais orientações, cabe ao filólogo encontrar sua trajetória de leitura para ocupar-se dos diferentes objetos culturais. O filólogo deve, então, concentrar-se no texto como objeto materialmente presente e, nele, examinar os registros de sua produção, circulação e recepção. “El texto, como objeto material, aumenta nuestra capacidad de imaginar un mundo del pasado, aunque por cierto que no hay una relación mimética entre aquel mundo y la forma del texto en tanto objeto material.”⁶ (GUMBRECHT, 2007, p. 27)

Na atividade editorial, afirma Giuseppe Tavani (1988, p.35),

⁶ “O texto como objeto material, aumenta nossa capacidade de imaginar um mundo passado, ainda que por certo não haja uma relação mimética entre aquele mundo e a forma do texto enquanto objeto material”. (GUMBRECHT, 2007, p. 27, tradução nossa).

[c]ada texto es un producto histórico: como quién dice que en él se reflejan – filtradas por una serie más o menos numerosa de mediaciones estético-culturales – la situación personal del autor, su concepción del mundo, los conflictos socio-económicos por él vividos, sus experiencias existenciales, sus conocimientos teóricos y prácticos, el grado de su adhesión a toda clase de convenciones de su tiempo y de la colectividad a la cual pertenece.⁷

É preciso, inicialmente, diferenciar as práticas entre o estilo alemão de explorar o passado literário (o texto escrito) e sua tradição da abordagem anglo-estadunidense, de expressão interpretativa, caracterizada pelo *New Criticism*. Embora haja uma diversidade de tarefas na prática filológica, o trabalho edótico se realiza na busca de textos de variados períodos históricos, tomados como testemunho-documento-monumento, para estudar um momento cultural que se constrói em sua língua e literatura através dos textos escritos, cabendo à filologia a identificação e atualização desses textos, lendo-os em cada época e sociedade nas quais foram produzidos e circularam. Como diz Miguel Ángel Pérez Priego, parafraseando Giorgio Pasquali (1934), “[...] los testimonios no son meros portadores de errores y variantes, sino que poseen una específica fisionomía cultural, razón por la cual la crítica del texto ha de ir acompañada de la historia de la tradición”⁸. (PÉREZ PRIEGO, 1997, p. 36)

É comum na prática editorial o editor comprometer-se em trazer o *texto do autor*, não cedendo lugar ao editor.

Cada uno de los papeles que los editores adoptan (en dos niveles distintos: papeles de autor, y papeles de editor) pueden incluirse bajo diferentes tipos de construcciones subjetivas, y tales afinidades de diferentes papeles del editor con diferentes construcciones subjetivas nos ayudarán a entender los diversos estilos filológicos que encontramos en nuestro entorno profesional.⁹ (GUMBRECHT, 2007, p. 39).

⁷ “[c]ada texto é um produto histórico: poderíamos assim dizer, que nele se refletem – filtradas por uma série mais ou menos numerosa de mediações estético-culturais – a situação pessoal do autor, sua concepção de mundo, os conflitos socioeconômicos vividos por ele, suas experiências existenciais, seus conhecimentos teóricos e práticos, o grau de sua adesão a toda classe de convenções de seu tempo e da coletividade a qual pertence” (TAVANI, 1988, p. 35, tradução nossa).

⁸ “[...] os testemunhos não são meros portadores de erros e variantes, mas possuem uma específica fisionomia cultural, razão pela qual a crítica do texto há de vir acompanhada da história da tradição” (PASQUALI, 1934 apud PÉREZ PRIEGO, 1997, p. 36, tradução nossa).

⁹ Cada um dos papéis que os editores adotam (em dois níveis distintos: papéis de autor, e papéis de editor) podem incluir-se sob diferentes tipos de construções subjetivas, e tais afinidades de diferentes papéis do editor com diferentes construções subjetivas nos ajudarão a entender os diversos estilos filológicos que encontramos em nosso campo profissional. (GUMBRECHT, 2007, p. 39, tradução nossa).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O editor, no exercício da prática editorial, realiza escolhas, entre as variantes, as lições que levará para o texto crítico representativo do ânimo autoral ou de sua intenção final, corrige “erros”, faz conjecturas para determinadas passagens do texto, entre outras escolhas. No entanto, é preciso assumir que *o editor se constitui nos múltiplos atos de escolha que realiza*, trazendo um texto que resulta da sua ação mediadora, de sua leitura crítica.

Segundo Hans Ulrich Gumbrecht (2007, p. 43),

[...] el trabajo filológico produce inevitablemente un papel de editor, y que tal papel de editor presupone y en parte da forma a la producción de un hipotético papel de autor [...]. Al mismo tiempo, no hace falta aclarar que el papel de editor contiene a su vez múltiples papeles de lector.¹⁰

[I]nteresa ver cómo un papel de lector se activa y se constituye a través de cada lectura del texto, con la forma y contenido del texto provocando y guiando este proceso [...]¹¹ (GUMBRECHT, 2007, p. 44)

Tem-se um percurso que vai do EDITOR ao LEITOR especializado para produzir uma edição e leitura crítico-filológica, apresentando-se como AUTOR, responsável intelectual pela edição do texto, pelas escolhas que realiza para trazer ao conhecimento do público o texto marcado por suas intervenções críticas, lido e comentado, o(s) texto(s) crítico(s). Assim, chamo a atenção para as formas de editar um texto e seu propósito, definindo os estilos de edição que resultam das escolas filológicas. Há as escolas que realizam a edição em perspectiva *teleológica* e outras, em perspectiva *pragmática*, delineando, assim, orientações distintas no fazer filológico.

Inicialmente, trago a *edição crítica de textos*, com K. Lachmann e o método para a *constitutio textus*, passando por J. Bédier e a teoria do bom manuscrito, por Giorgio Pasquali e a história da tradição, por Gianfranco Contini e a crítica das variantes, entre outros, evidenciando a construção de um método, mecânico, a princípio, e que, depois, torna-se mais flexível, à medida que considera os ajustes feitos a tal metodologia por cada estudioso mencionado.

¹⁰ [...] o trabalho filológico produz inevitavelmente um papel de editor, e que tal papel de editor pressupõe, em sua prática, a produção de um hipotético papel de autor [...]. Ao mesmo tempo, não é demais esclarecer que o papel de editor contém por sua vez múltiplos papéis de leitor. (GUMBRECHT, 2007, p. 43, tradução nossa).

¹¹ “[I]nteresa ver como um papel de leitor se ativa e se constitui através de cada leitura do texto, com a forma e o conteúdo do texto provocando e guiando este processo [...]”. (GUMBRECHT, 2007, p. 44, tradução nossa).

Tanto Lachmann como Bédier levam em conta a *unicidade do texto*, este último por meio do manuscrito (material) tomado para a edição. Giorgio Pasquali, em *Storia Della Tradizione e Critica del Testo*¹², considera a *tradição* como substancial na crítica do texto, em que cada testemunho é produto de uma determinada *configuração cultural*, devendo-se estudar as mudanças do texto ao longo do tempo, examinar as modalidades de sua transmissão. A existência de um espólio do autor ou de redações múltiplas na tradição manuscrita oferece material deveras precioso para estudo do que veio a se chamar “crítica das variantes”, formulada do ponto de vista teórico por Gianfranco Contini, procurando recuperar a gênese do texto a partir das variantes de autor. No entanto, mesmo diante das modificações concernentes à metodologia empregada no preparo de uma *edição crítica*, a proposta continua sendo a de apresentar um *texto único, representativo da “vontade do autor”* ou *das intenções finais de um autor*, fixado a partir de critérios filológicos estabelecidos.

Também a escola anglo-americana busca *fixar um texto único para cada obra*. Tem-se situado, porém, em dois lugares, aquele da *teoria intencionalista*, que busca a *versão mais próxima da intenção do autor*, de W. W. Greg, F. Bowers e G. Th. Tanselle (teoria do *copy-text* e da bibliografia material), e da *teoria sociológica*, em que “[c]ada versión reclama su derecho de ser editada a su propia manera, respetando su historicidad como tal realidad concreta [...]”¹³ (MCKENZIE, 2005, p. 20), de Donald Francis MCKENZIE (*Bibliography and the Sociology of the Text (The Pannizzi Lectures (1985))* (1986) e Jerome John McGann (*Critique of Modern Textual Criticism* (1983)) (LOURENÇO, 2009; TEXTUAL..., [2012])).

No que se refere à corrente da “*New Bibliography*”, baseada numa concepção romântica das relações que existem entre o autor, suas obras, o público, e as instituições culturais e sociais, destaca-se a *Bibliografia Textual* que se ocupa do estudo dos diferentes estados de uma obra, buscando um *texto ideal*, depurado das alterações trazidas pelo processo de publicação. Jerome John McGann (1983), porém, esclarece que a obra de arte

¹² Nesse trabalho, Pasquali (1934) desenvolveu suas reflexões sobre o método lachmanniano apresentado por Paul Maas em seu manual. Foram discutidos os seguintes pontos: diferença entre “crítica do texto” e “história da tradição”; critério geográfico (analogia com a neolinguística: teoria areal (das áreas laterais e centrais); transmissão vertical e horizontal; recensão fechada e recensão aberta; “*codices potiores*” e “*codices deteriores*”.

¹³ “Cada versão reclama seu direito de ser editada à sua própria maneira, respeitando sua historicidade como uma realidade concreta [...]” (MCKENZIE, 2005, p. 20, tradução nossa).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

sempre tende para um *estatuto de colaboração*, e a *intenção do autor* é apenas um fator a ser considerado.

A escola alemã, com destaque para os modelos de *aparato sinóptico* postos em prática na edição de textos por Friedrich Beißner e Hans Zeller, respectivamente, ao realizar as edições críticas e históricas, estabelece um texto crítico, em relação ao qual todas as variações são documentadas. Nessa mesma direção, analisando a *obra como processo*, a escola francesa, a partir dos anos 70 (Bellemin-Noël, Louis Hay, Biasi, Almuth Grésillon, Debray-Genette, entre outros), através da crítica genética, realiza a edição genética e o estudo de gênese. Em síntese, a tradição editorial alemã difere da tradição editorial francesa pela concepção dinâmica do texto (GRÉSILLON, 2007; LOURENÇO, 2009), no entanto, “[t]oma corpo numa forma de edição que casa diretamente as duas correntes: a edição genética”¹⁴ (GRÉSILLON, 2007, p. 246).

Para os neolachmannianos, o método da crítica textual não tem a preocupação de reconstrução de um arquétipo nem de privilégio de um texto ótimo, interessa realizar “uma *boa* leitura de um bom manuscrito, independentemente de qualquer processo de hierarquização (ELIA, 1993, p. 60). A crítica textual moderna, a partir da documentação autógrafa, ou homologada pelo autor, ocupa-se da atividade de editar um texto que corresponda à última vontade do autor ou à sua intenção final e de mostrar o processo de criação desse texto. Para além da crítica textual e da crítica genética, outra abordagem crítica, a sociologia dos textos, dará conta de estudar a ação dos diferentes atores envolvidos com a publicação. “Os textos não existem fora dos suportes materiais [sejam eles quais forem] de que são os veículos”. (CHARTIER, 2002, p. 61-62). Desse modo, uma edição deveria contemplar tal diversidade. Cabe então ao editor evidenciar a pluralidade de textos tomados em suas especificidades.

A partir das versões de uma obra, levando em conta os aspectos colaborativos da produção e publicação de textos, entram na cena da discussão aspectos, como: a instabilidade textual, o significado das versões, que compreende a concepção, recepção, transmissão, publicação do texto. O importante, então, é não “[...] hacer una combinación de todas las versiones, puesto que destruiríamos la historicidad de cada una de ellas”¹⁵

¹⁴ Grésillon (2007, p. 243, nota 22) esclarece em nota que o “modelo lançado por Beißner e aperfeiçoado por Zeller está na origem da edição genética de hoje”.

¹⁵ “[...] fazer uma combinação de todas as versões, pois destruiríamos a historicidade de cada uma delas” (MCKENZIE, 2005, p. 53, tradução nossa).

(MCKENZIE, 2005, p. 53), como fazemos ao preparar uma edição crítica, mas, também, dar visibilidade às versões do texto expostas na materialidade de cada testemunho. Nesse lugar, o texto é entendido como evento social, considerando o fato de que “the dynamics social relations [...] always exist in literary production”¹⁶. (MCGANN, 1983, p. 81)

Parece-me interessante cruzar os métodos das edições, crítica, histórica, sinóptica, genética e “social”, para dar conta dos resultados das investigações desenvolvidas, caracterizando um estilo do filólogo em sua práxis. Desse modo, *da edição alemã, histórica e crítica*, toma-se o modelo que “inclui a análise, o comentário e a interpretação genéticos e condensa os resultados dessas investigações nos seus aparatos sinópticos para resultar [...] na organização do texto definitivo” (GRÉSILLON, 2007, p. 258); *da edição genética*, o modelo que visa “[...] fornecer ao pesquisador uma simples ferramenta, apresentando-lhe na ordem da gênese os testemunhos transcritos e acompanhados de um comentário escritural do dossiê em questão” (GRÉSILLON, 2007, p. 258); *da edição “social”*, a proposta de investigar os diversos atores envolvidos com a produção e transmissão do texto, suas ações e gestos de leitura, o que explica versões distintas de um texto, que testemunham um conjunto de significações em sucessivos momentos da história.

Em síntese, a prática dos diferentes pesquisadores tem feito repensar o trabalho de edição de textos no que se refere ao tratamento dado às múltiplas versões de um texto até a sua fixação, quando for o caso. A crítica textual, através dos métodos de Lachmann e de Bédier, pressupõe um conceito estático do texto crítico, somente abrindo para os textos e suas versões quando são considerados a história da tradição e o estudo das variantes de autor (Giorgio Pasquali e Gianfranco Contini). As mudanças documentadas nos diversos testemunhos da tradição revelam as diversas maneiras como uma dada sociedade compreendeu e reinventou um texto. Nesse sentido, a crítica genética e a sociologia dos textos consideram a pluralidade de estados de um texto, de uma obra, seja pelos movimentos de gênese, seja pela ação dos diversos atores sociais no processo de transmissão textual. Enfim, todas as abordagens críticas estão em profícuo diálogo na filologia editorial e mostram como o filólogo, na contemporaneidade, evidencia suas escolhas e assume uma atitude crítica e interessada em relação ao objeto de estudo.

¹⁶ “a dinâmica social das relações [...] sempre existe na produção literária (MCGANN, 1983, p.81, tradução nossa).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

3. *Modelos editoriais e ações do editor*

Do percurso traçado, duas grandes vertentes editoriais contemporâneas se apresentam: uma platônica (teleológica) e outra pragmática. Sendo assim,

[d]iante do objeto e da finalidade da pesquisa, o editor pode comportar-se pelo viés platônico, orientado pela busca do sentido original ou representativo do ânimo autoral, ou pelo viés pragmático, no qual, ainda que se estabeleça um texto, ele não será a recuperação de um texto perdido ou ideal, ou ainda uma autoridade de uma voz historicamente reconstruída, mas, sim, um centro provisório, um testemunho posto em evidência, não por privilégio ou merecimento, mas por estratégia de leitura e crítica. (BORGES; SOUZA, 2012, p. 22-23)

A mudança do suporte, do papel para o computador, mudou o cenário das edições, bem como suas práticas. Desde os anos 80, a partir das contribuições de Peter Shillingsburg, Jerome John McGann, Peter Donaldson, entre outros, a crítica textual tomou novos rumos. Alguns dos estudiosos utilizaram-se dos recursos informáticos como uma ferramenta para auxiliar na preparação e produção de edições convencionais (anteriormente pensadas para o suporte papel), outros, preferiram olhar a textualidade eletrônica como um meio para a publicação de um tipo diferente de edição – a edição eletrônica, uma tendência da crítica textual no século XXI, dado ao seu caráter interativo e multimensional, dando a ler todos os textos, todas as transformações por que passa o texto em uma edição em hipertexto.¹⁷

Segundo Maria Clara Paixão de Souza (2006, [sem paginação]), nas edições eletrônicas, o sistema de apresentação da edição difere do sistema tradicional, pois

[n]as edições eletrônicas, a apresentação final é uma etapa paralela à transcrição e ao estabelecimento do texto – ou seja: as apresentações para leitura final resultam da formação de documentos paralelos ao documento-base onde se codificou a preparação.

Nessa direção, as edições devem dar a ler toda a tradição dos textos, a partir de sua história (processo de transmissão), e das transformações do/no texto (modificações autorais, textuais). Assim, a proposta metodológica de elaboração de uma *edição sinóptica*, que busca editar todos os

¹⁷ A utilização do meio eletrônico faz mudar a metodologia filológica aplicada à Crítica Textual. Em 1978, houve um colóquio internacional organizado pelo CNRS, que reuniu filólogos, historiadores e especialista em informática para discutir o tema da crítica textual e sua automatização (ORDUNA, 2005, p. 31). No meio digital, a edição sinóptica traz a forma de texto que melhor serve aos propósitos dos pesquisadores.

testemunhos conservados da tradição, em confronto, outorgando a cada um o respeito e o protagonismo, ou de uma *edição genética*, que considera os estados materiais de uma obra em seu processo de criação, ou de uma edição *variorum eletrônica* (URBINA et al., 2005) ou uma *hiperedição* (PAIXÃO DE SOUZA, 2006), faz-se pertinente.

Esta última prática de edição parece mais apropriada à crítica textual contemporânea,

[...] elaborada a partir de los textos y cotejos de las anteriores ediciones, con clasificación y anotación de variantes, incorporación de enmiendas, anotaciones textuales, enlaces hipertextuales a las ediciones facsímiles y documentales, e interfaz interactivo para la composición de ediciones virtuales.¹⁸ (URBINA et al, 2005, p. 226)

As edições realizadas em nosso Grupo de Pesquisa evidenciam a práxis filológica nas duas direções, teleológicas e pragmáticas, ambas com foco na materialidade e historicidade dos textos. Para ilustrar o que tenho dito até agora, trago alguns dos trabalhos já desenvolvidos no âmbito da pesquisa pela Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), sob minha coordenação. Para os textos da dramaturgia baiana ou produzidos para encenação na Bahia, foram realizadas *edições: crítica, interpretativa, genética, sinóptica, fac-similar* (algumas delas, em suporte eletrônico), e *eletrônica/digital* ou em suporte eletrônico (arquivo hipertextual). O Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET) apresenta edições em ambiente digital, explorando a plasticidade do suporte, bem como realiza edições em suporte papel.

Tais práticas editoriais e estudos críticos filológicos estão postos nas dissertações e teses¹⁹ apresentadas à Pós-Graduação em Letras da UFBA, e no livro organizado por mim, *Edição e Estudo de Textos Teatrais*

¹⁸ “[...] elaborada a partir dos textos e cotejos das edições anteriores, com classificação e anotação de variantes, incorporação de emendas, anotações textuais, links hipertextuais às edições fac-símiles e documentais, e interface interativa para a composição de edições virtuais”. (URBINA et al., 2005, p. 226, tradução nossa).

¹⁹ Confira as dissertações de Ludmila Antunes de Jesus (2008), Isabela Santos de Almeida (2011), Eduardo Silva Dantas de Matos (2011), Débora de Souza (2012), Williane Silva Corôa (2012) e Mabel Meira Mota (2012), Fabiana Prudente Correia (2013), Liliam Carine da Silva Lima (2014), Carla Ceci Rocha Fagundes (2014) e Hugo Leonardo Pires Correia (2014). Consultar o trabalho intitulado *Entre acervos, edição e crítica filológica*, publicado no CNLF por Santos (2012) para tomar conhecimento do que tratam alguns desses trabalhos. Quanto às teses, destacamos: a de Arivaldo Sacramento de Souza (2014), Ludmila Antunes de Jesus (2014), Isabela Santos Almeida (2014) e Eduardo Dantas Silva Matos (2014). Em andamento, as teses de Mabel Meira Mota, Fabiana Prudente Correia, Carla Ceci Rocha Fagundes e Débora de Souza.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Censurados na Bahia: Literatura, Teatro e História em Diálogo com a Filologia, publicado em 2012, como resultado da pesquisa desenvolvida desde o ano de 2006, com capítulos dos vários integrantes da ETTC, e no livro *Edição de Texto e Crítica Filológica*, também publicado em 2012.²⁰ Os critérios para apresentação, edição e estudo crítico dos textos estão colocados nos referidos trabalhos.

Diante da complexidade característica do texto teatral, decidimos, em alguns casos, que a edição deveria contemplar todas as versões do texto, em confronto sinóptico, de preferência em suporte eletrônico, dispondo os fac-símiles, transcrevendo cada um dos testemunhos, identificando as modificações textuais genéticas e/ou modificações realizadas por outros agentes, para registrá-las em aparatos e interpretá-las, dando conta da história do texto, através de arquivo hipertextual (eletrônico), conforme propõem Eduardo Urbina et al (2005), por meio de três categorias de edição: a fac-similar digital, a diplomática/documental e a *variorum* eletrônica.

No entanto, como também nos comprometemos com a divulgação da produção dramaturgica baiana, no sentido de permitir o acesso a textos para leitura e encenação, o trabalho filológico se faz da prática das edições críticas e interpretativas, quando há a fixação de um texto crítico, acompanhado de um aparato (crítico e de notas) que possa dar conta dos lugares de variação, das alterações genéticas, dos cortes, das anotações que resultam da ação interventiva do(s) autor(es), dos colaboradores (atores, figurinistas, e outros) e dos leitores (nesse caso, os censores) que deixam na materialidade do texto suas marcas, dando ao leitor a oportunidade de conhecer a história do texto e suas transformações (os textos em movimento) e, ao mesmo tempo, de ter uma versão criteriosamente apresentada para seu uso, o texto crítico, que resulta da interpretação e das escolhas do editor, no seu papel de leitor crítico, também mediador nesse/desse processo.

Em nossa prática, concluímos que um projeto editorial passa pela escolha do público a que se destina, do estado da documentação e do número e da natureza dos testemunhos, das escolhas teóricas do editor, quanto ao estatuto do texto, de sua gênese e de sua sócio-história, enfim dos meios disponíveis sobre o triplo plano: humano, material e tecnológico. Dessa combinação complexa, todo elemento pode variar em função

²⁰ Confira Santos (2012) e Borges et al. (2012).

da obra, do autor e do país (HAY, 1988, p. 93-94). Faço, a seguir, a exposição de alguns trabalhos²¹ para colocar em destaque as escolhas de cada editor, delineando, assim, sua atitude crítica na mediação editorial.

Ludmila Antunes de Jesus (2008), em sua dissertação de mestrado, *A Dramaturgia de João Augusto: Edição Crítica de Textos Produzidos na Época da Ditadura Militar*, recortou, entre as produções teatrais de João Augusto, alguns dos textos do teatro de cordel, e elaborou para eles *edições críticas*. Dando continuidade a esse trabalho, Ludmila Antunes de Jesus (2014), em sua tese, *Teatro de Cordel de João Augusto Entre Arquivo(s), Edição e Estudos*, ocupou-se do estudo da dramaturgia de João Augusto, em perspectiva filológica, buscando tornar pública a trajetória artístico-intelectual desse dramaturgo, a partir da edição e do estudo de textos adaptados da literatura de cordel, com documentação censória, a saber: *O Exemplo Edificante de Maria Nocaute ou Os Valores do Homem Primitivo*, *Felismina Engole-Brasa*, *As Bagaceiras do Amor* e *O Marido Que Passou o Cadeado na Boca da Mulher*. Fez uma incursão pelos arquivos e acervos, nos quais se encontram os documentos referentes à produção dramaturgicamente de João Augusto, com o objetivo de ler sua dramaturgia e o sujeito arquivado. A edição teve como proposta mostrar a história do texto dramático de João Augusto, através do processo de adaptação do folheto para o texto teatral, além de tornar público outros documentos que fizeram parte da circulação dos textos selecionados, como pareceres, material de imprensa, fotografias, entre outros, em um *arquivo hipertextual*.

Isabela Santos de Almeida (2011), em sua dissertação de mestrado intitulada *Três Fios do Bordado de Jurema Penna: Leituras Filológicas de Uma Dramaturgia Baiana*, realizou a *edição interpretativa em meio digital* do texto teatral *Auto da Barca do Rio das Lágrimas de Irati*, e a *edição crítica*, em suporte papel, para *Bahia Livre Exportação* e *Negro Amor de Rendas Brancas*, da dramaturga Jurema Penna, propondo-se a estudar o processo de construção do texto teatral a partir da leitura das modificações textuais e do trabalho da citação como operador de intertextualidade no processo de escritura. Na tese de doutorado, *A Crítica Filológica nas Tessituras Digitais: Arquivo Hipertextual e Edição de Textos Teatrais de Jurema Penna*, Isabela Santos de Almeida (2014) optou por realizar três tipos de edição: *fac-similar*, *sinóptica* e *crítica*, dispostas em um *arquivo hipertextual*, apresentado em um volume digital para alguns textos

²¹ Para conhecer os trabalhos aqui mencionados consultar o banco de dissertação e tese da UFBA no repositório institucional.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

teatrais de Jurema Penna, a saber: *Iemanjá – Rainha de Aiocá, O Bonequeiro Vitalino ou Nada É Impossível aos Olhos de Deus e das Crianças, Bahia Livre Exportação e Negro Amor de Rendas Brancas*, com o propósito de discutir a crítica filológica nas tessituras digitais, explorando o suporte eletrônico para exercício da prática editorial.

Eduardo Silva Dantas de Matos (2011), em sua dissertação, conciliando lugares de discussão afins, como a filologia, a crítica textual, a crítica genética, e a(s) teoria(s) do drama, propõe leituras do processo de criação de *Cândido ou O Otimismo*, texto de Voltaire, adaptado, a partir de uma tradução portuguesa, por Cleise Mendes, propondo uma *edição genética vertical seletiva*. Eduardo Silva Dantas de Matos (2014), em sua tese, discutiu a rasura, levando em conta as noções de autoria, subjetividade e edição, defendendo que os documentos de criação trazem marcas físicas a partir das quais o filólogo pode trabalhar, produzindo, no cumprimento das etapas da metodologia editorial, um saber especificamente motivado por seu modo de interpretar. Preparou ainda uma edição genética vertical seletiva para a cena IV do primeiro ato do texto teatral citado, confrontando, pelo viés da crítica filológica, as edições realizadas, entre esta (da tese) e aquela da dissertação, objetivando evidenciar como as diferentes escolhas do filólogo produzem outras edições e outras facetas/imagens do sujeito autor.

Débora de Souza (2012) traz, em sua dissertação, a *edição crítica em meio digital* dos textos teatrais de Nivalda Costa: *Aprender a Nada-r e Anatomia das Feras*. Para esta edição, valeu-se da linguagem de marcação de hipertexto, *HyperText Markup Language* (HTML), usada para produzir páginas na *internet*, e do *software Adobe Reader*, para a visualização em documentos PDF (*Portable Document Format* / Formato Portátil de Documento), dando ao leitor/navegador acesso aos fac-símiles dos textos, de documentos do processo censório e de fotos. Realizou também a edição dos textos selecionados em suporte papel e analisou o processo de construção do texto teatral. Atualmente, desenvolve a tese de doutorado, explorando novos recursos e técnicas para a edição dos textos selecionados, conciliando as práticas arquivística e filológica para uma leitura do Acervo Nivalda Costa.

Williane Silva Corôa (2012) realizou a *edição interpretativa em suporte papel e eletrônico* de *Malandragem Made in Bahia*, de Antônio Cerqueira. Para a edição em meio digital, fez uso dos programas *NVU* e *WORD*. A edição conta com um *menu* que traz: a) a apresentação, contendo orientações para a navegação; b) a edição fac-similar, contendo os

fac-símiles de *Malandragem Made in Bahia*; c) a edição interpretativa em meio digital, na qual se apresentam o texto crítico e o aparato de variantes e notas; d) o arquivo do autor, com os recortes de jornais reunidos por Antônio Cerqueira e depositados no Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia; e) os documentos da Coordenação Regional do Arquivo Nacional do Distrito Federal, fundo Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP): requerimento de censura, pareceres e certificado de censura. Através dos *hiperlinks* é possível acessar os documentos que compõem a tradição textual direta (testemunhos) e indireta (paratextos).

Mabel Meira Mota (2012) realizou duas edições de *Irani ou As Interrogações*, de Ariovaldo Matos, a *interpretativa* (também em suporte papel) e a *fac-similar*. Para a construção da edição em suporte digital foram utilizados os programas *Antena Beta* e *Dreamweaver CS5*. Na página inicial, é possível acessar: a) a apresentação, contendo orientações para a navegação; b) o dossiê de *Irani ou As Interrogações*, contendo os recortes de jornais e documentos da Censura: requerimento de censura, pareceres e certificado de censura; c) as edições: uma edição interpretativa do texto de Ariovaldo Matos, abrangendo os itens: texto crítico e aparato de variantes e notas; e lista de materiais audiovisuais (com referências), valendo-se do uso de *hiperlinks*; e uma edição fac-similar, na qual se apresenta, em PDF, a versão de *Irani ou As Interrogações*, de Ariovaldo Matos (TAM); e a adaptação elaborada por Eduardo Cabús (TAM-EC), em três vias: TAM-EC/SBAT, TAM-EC/DCDP e TAM-EC/SR, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) e da Superintendência Regional (SR), respectivamente. Em sua tese, já em fase de conclusão, busca ferramentas informáticas que possam dar conta do preparo de uma edição digital do texto selecionado.

Fabiana Prudente Correia (2013), na dissertação *O Desabrochar de Uma Flor em Tempos de Repressão: Edição e Crítica Filológica de Apareceu a Margarida de Roberto Athayde*, realizou duas edições: a *fac-similar* e a *sinóptica*, em arquivo digital, utilizando o *Prezi*, e, no suporte papel, com destaque para as modificações textuais. A escolha do *Prezi* como suporte de edição deveu-se à possibilidade de uma exposição radial dos conteúdos e de ter uma ampla dimensão lateral, vertical, em profundidade. O programa permite que se utilize a “página” em múltiplas orientações (vertical, horizontal, diagonal, circular etc.) e admite coexistência de múltiplas mídias (música, imagem, vídeo e texto) simultâneas. As edições foram apresentadas em DVD. O conteúdo do DVD está assim disposto: 1. *Apareceu a Margarida*: edição sinóptica em meio digital – I ATO; 2. *Apareceu*

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

a *Margarida*: edição sinóptica em meio digital – II ATO; 3. Edição facsimilar de *Apareceu a Margarida* e cronologia das versões; 4. Arquivos da censura: certificados e pareceres disponibilizados pelo Arquivo Nacional – Brasília; 5. Arquivo *Apareceu a Margarida*: coletânea de textos de jornais e revistas, fotos e programas de espetáculos relativos a *Apareceu a Margarida*, arquivados no acervo pessoal de Roberto Athayde e na publicação de 1973 (F. CORREIA, 2013). No momento, prepara a tese, considerando o dossiê de outro texto teatral de Roberto Athayde, *Os Desinibidos*.

Arivaldo Sacramento de Souza (2014), *Nas Tramas de Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá: Crítica Filológica e Estudo de Sexualidades*, ao investigar a tradição textual e a recepção do texto de Fernando Mello, *Greta Garbo Quem Diria Acabou no Irajá*, desenvolveu um estudo crítico-filológico dos *scripts* teatrais que encenam a homossexualidade, observando as inter-relações entre o processo de transformação pela circulação social do texto e as ações de diferentes sujeitos que mediarão a liberação, veto ou corte de trechos da peça. Em perspectiva teórico-metodológica, estabeleceu um diálogo com as teorias de desconstrução da metafísica tradicional, pondo em foco a renovação da práxis filológica no sentido de entendê-la como uma atuação crítica e investigativa das materialidades textuais, visando à leitura da pluralidade, tanto das lições de cada *script* quanto das intervenções censórias que transformaram o texto, apresentando como produto editorial uma *edição sinóptico-crítica em suporte papel e eletrônico*.

Carla Ceci Rocha Fagundes (2014) selecionou, para edição e estudo crítico-filológico, *Pau e Osso S/A*, buscando examinar os processos de produção, transmissão e circulação do texto teatral, lendo, na trama do texto, as ações do teatro amador. Além da *edição interpretativa*, o estudo crítico do texto selecionado permitiu a reflexão acerca da prática censória e de suas consequências para a produção dramaturgica baiana. Atualmente, desenvolve a tese de doutorado explorando o teatro infantil a partir do Acervo Deolindo Checcucci.

Lilium Carine da Silva Lima (2014) dedicou-se ao estudo de *Manual de Construção*, uma coletânea de poemas escritos por João Augusto, que não existe como obra acabada ou publicada. Optou pela feitura da *edição genética vertical* e desenvolvimento do estudo crítico. A partir do confronto sinóptico entre as versões manuscritas, realizou uma leitura do processo criativo de João Augusto em *Manual de Construção*, considerando

os movimentos de gênese, as etapas de escritura de cada poema, para entender a gênese do texto em questão.

Hugo Leonardo Pires Correia (2014), em sua dissertação *Bemvindo Sequeira e a Cena Política nas Tramas de Me segura que eu vou dar um voto: Edição e Crítica Filológica do Texto Teatral*, realizou a edição e o estudo crítico do texto teatral selecionado. Propôs a elaboração de uma *edição interpretativa* em suporte de papel dos dois *scripts* da peça, disponibilizando para os leitores os textos críticos. Em um *arquivo hipertextual*, além da edição interpretativa, traz a *edição fac-similar* e toda documentação relacionada ao texto, proporcionando ao leitor/navegador certa reflexão a propósito daquele período (1964-1985) de forte pressão, o da ditadura militar, vivido pela sociedade brasileira.

Nos trabalhos aqui apresentados está expressa a atitude do filólogo editor na escolha do modelo editorial, nas decisões editoriais tomadas, nas leituras críticas desenvolvidas. Marca-se também o seu lugar de leitor crítico e sujeito que atua na mediação do texto publicado.

4. Considerações finais

A partir das nossas investigações, buscamos (re)pensar as teorias e métodos da edição, levando-se em conta os problemas afetos à edição de textos modernos e contemporâneos que exigem do filólogo uma atitude crítica, atualizada, no estudo da materialidade do texto, em seu processo de produção e transmissão (pensando o manuscrito moderno, o processo de criação e os suportes que transmitem o texto) e de recepção (pensando como essa obra foi lida e modificada pela ação de vários mediadores), e, sobretudo, procurando situar a Filologia no presente, a Filologia que fazemos hoje, que contempla as pesquisas que vão do processo de criação aos processos de transmissão e circulação de um texto ou de uma obra.

O uso das novas tecnologias possibilitou ao editor construir o trabalho editorial e interpretativo de uma forma integrada e relacional, permitindo-lhe elaborar e compartilhar suas leituras por meio das tessituras que o meio digital engendra, com o propósito de dar ao conhecimento do público leitor o(s) texto(s) produzido(s) e transmitido(s) pelas vias da cultura e da sociedade e a leitura crítico-filológica dos mesmos.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Isabela Santos de. *Três fios do bordado de Jurema Penna: leituras filológicas de uma dramaturgia baiana*. 2011. 246 f. Il. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

_____. *A crítica filológica nas tessituras digitais: arquivo hipertextual e edição de textos teatrais de Jurema Penna*. 2014. 321 f. 2 v. (um volume em site). Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BORGES, Rosa. Entre acervos, edição e crítica filológica. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 16., 2012, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF (CiFEFil). Rio de Janeiro: CiFEFil, vol. 16, p. 515-524, 2012.

_____. A filologia e os lugares das críticas textual, genética e sociológica: por um estudo de *Quincas Berro D'Água*, adaptação de João Augusto. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (Orgs.). *Filologia, críticas e processos de criação*, 2012, p. 53-67.

_____; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.

_____. et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.

CARVALHO E SILVA, Maximiano de. Crítica textual: conceito – objeto – finalidades. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, nº 7, p. 57-63, 1º sem. 1994. Disponível em <http://maximianocsilva.pro.br/doc7.htm>. Acesso em: 07-08-2016. Sem paginação.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *Os desafios da escrita*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CORÔA, Williane Silva. *Edição de texto e estudo da linguagem proibida em Malandragem made in Bahia, de Antonio Cerqueira*. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CORREIA, Fabiana Prudente. *O desabrochar de uma flor em tempos de repressão: edição e crítica filológica de Apareceu a Margarida, de Roberto Athayde*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CORREIA, Hugo Leonardo Pires. *Bemvindo Sequeira e a cena política nas tramas de Me segura que eu vou dar um voto: edição e crítica filológica do texto teatral*. 2014. 216 f. + DVD. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ELIA, Silvio Edmundo. A crítica textual em seu contexto sócio-histórico. In: ENCONTRO DE ECDÓTICA E CRÍTICA GENÉTICA, 3., 1993, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB/APML/FECPB/FCJ, p. 57-64.

FAGUNDES, Carla Ceci Rocha. *Edição e crítica filológica de Pau e Osso S/A do Amador Amadeu: o teatro amador em cena*. 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Trad.: Cristina de Campos Velho Birck et al. Porto Alegre: UFRGS, 2007 [1994].

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Los poderes de la filología: dinámicas de una práctica académica del texto*. Trad.: Aldo Mazzucchelli. México: Universidad Iberoamericana, 2007 [2003].

HAY, Louis. L’Ancien et le Nouveau Monde: L’edition du texte. In: LITTÉRATURE LATINO-AMERICAINE ET DES CARAIBES DU XX SIECLE: theorie et pratique de l’edition critique. Roma: Bulzoni, 1988, p. 87-102. (Collection Archives).

JESUS, Ludmila Antunes de. *A Dramaturgia de João Augusto: edição crítica de textos produzidos na época da ditadura militar*. 2008. 202 f. Dissertação (Mestrado em Letras em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2008.

_____. *Teatro de cordel de João Augusto entre arquivo(s), edição e estudos*. 2014. 177 f. + DVD. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

LIMA, Liliam Carine da Silva. *Manual de construção, a arquitetura poética de João Augusto: edição genética e estudo crítico*. 2014. 207f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2014.

LOURENÇO, Isabel Maria da Graça. *The William Blake Archive: da gravura iluminada à edição eletrónica*. 2009. 490f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Programa de Pós-Graduação em Língua e literaturas Modernas, Coimbra. Disponível em: <www.dominiopublico.com.br>. Acesso em: 02 set. 2011.

MATOS, Eduardo Silva Dantas de. *Os manuscritos de Cândido ou O Otimismo – o herói de todo caráter, uma adaptação de Cleise Mendes: leituras do processo de criação e proposta de edição genética*. 2011. 208f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

_____. *O manuscrito autógrafa e suas rasuras: autoria, subjetividade e edição*. 2014. 202f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MCGANN, Jerome John. *A Critique of Modern Textual Criticism*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografía y sociología de los textos*. Tradução Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005[1986].

MOTA, Mabel Meira. *Da trama do arquivo à trama detetivesca de Irani ou As Interrogações, de Ariovaldo Matos: leitura filológica do arquivo e edição do texto*. 2012. 220 f.. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ORDUNA, Germán. *Fundamentos de crítica textual*. Madrid: Arco;Libros, 2005.

PASQUALI, Giorgio. *Storia della tradizione e critica del testo*. Firenze: Le Mounier, 1934.

PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. *La edición de textos*. Madrid: Síntesis, 1997.

SANTOS, Rosa Borges dos. (Org.). *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a Filologia em diálogo com a Literatura, a História e o Teatro*. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. Dramaturgia censurada: abordagens críticas no estudo da transmissão textual. In: FERREIRA, C.; FIGUEIREDO, V. (Org.). *Autores e livros: Gênese e transmissão textuais*, 2015, Niterói. Autores e livros: Gênese e transmissão textuais Anais do II Seminário do Laboratório de Ecdótica da UFF. Rio de Janeiro: Clã Destino, 2015. p. 59-74.

_____. Filologia, genética e sociologia dos textos. In: ROMANELLI, Sérgio. (Org.). *Compêndio de Crítica Genética: América Latina*. Vinhedo: Horizonte, 2013 [2015]. p. 43-50.

SOUZA, Arivaldo Sacramento de. *Nas tramas de Greta Garbo, quem dizia, acabou no Irajá: crítica filológica e estudo de sexualidades*. 2014. 358 f. + DVD. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SOUZA, Débora de. *Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa: processo de construção dos textos e edição*. 2012. 251 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SOUZA, Maria Clara Paixão de. *Edições críticas eletrônicas: fundamentos e diretrizes (Primeiro esboço)*. IEL-UNICAMP, Jun. 2006. Site Memórias do texto: http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/memorias/critical_hyper/ece_Frameset.html. Acesso em: jan. 2016.

TAVANI, Giuseppe. Teoría y metodología de la edición crítica de textos literarios contemporáneos. In: LITTERATURE LATINO-AMERICAINE ET DES CARAIBES DU XX SIECLE: theorie et pratique de l'edition critique. Roma: Bulzoni, 1988. p. 65-84. (Collection Archives).

TEXTUAL Scholarship. Disponível em: <http://www.textualscholarship.org/sociology/index.html>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

URBINA, Eduardo et al. Humanidades digitais, crítica textual y la edición variorum electrónica del Quijote (EVE DQ). AISPI. Actas XXIII (2005)... p. 223-235. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/21/I_20.pdf>. Acesso em: 02 set. 2011.